



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Excomunicação: novos modos de intolerância intrarreligiosa em tempos de mediatização digital

Excommunication: new modes of intrarreligious intolerance in times of digital mediatization

Moisés Sbardelotto

Palavras-chave: Excomunicação; Religião; Intolerância.

Introdução

O ambiente digital vem se caracterizando pela disseminação de diversas desinformações e má-informações, como as chamadas “*fake news*”, gerando uma “desordem informacional” em uma “era pós-verdade”. Atos de violência simbólica, discursos de ódio e preconceito étnico, sexual e outros abundam nas plataformas sociodigitais. A religião não fica isenta disso.

Neste texto, busca-se analisar a intolerância intrarreligiosa em rede, com base em estudos sobre a mediatização digital da religião. A observação se situa no âmbito do catolicismo romano, a partir do caso da página oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no Facebook. Examinam-se postagens e comentários que desviam, subvertem e transgridem os sentidos em circulação, as expectativas interacionais da página, a relação com os demais interagentes ou a própria doutrina católica.

Nessas tensões, evidenciam-se atos recíprocos de “excomunicação”, ou seja, a comunicação de que uma comunicação alheia deve cessar, ou de que não deveria nem existir, ou de que outra comunicação é necessária. Tal excomunicação visa a produzir, consequentemente, uma “excomunhão” (do latim, *excommunicatio*) da alteridade: um



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

discurso visando à mudança, superação ou fim de outro discurso, passando a se instituir como novo discurso.

Como conclusão, afirma-se que, tensionando suas interações, os interagentes radicalizam a experimentação social em rede sobre o “religioso”, convertendo a diferença em exclusão. Para que tais tensões não acabem em incomunicação, indica-se, como saída possível, a prática de gestos de “reconexão”, ou seja, de partilha de um senso comum religioso a fim de buscar um consenso na diversidade de saberes-fazer religiosos em rede.

Das heresias comunicacionais à excomunicação

As presenças católicas em plataformas sociodigitais são resultado de um entrecruzamento de postagens da instituição-Igreja, de grupos católicos e das intervenções de interagentes diversos. Nesse contexto, todo gesto de “curtir”, comentar e compartilhar, potencialmente, é uma forma de introduzir a divergência, a dimensão polêmica, o debate crítico, a turbulência, a instabilidade, o desvio. No contexto católico, tais processos produtivos de sentidos não podem ser controlados pela instituição eclesial, por serem organizados e perpassados por lógicas midiáticas, em um contexto mais amplo de transformação do fenômeno religioso. Com a comunicação em rede, é a pessoa comum, o leigo-amador, que confere às conexões em rede um caráter de ambiência comunicacional e existencial (Sodré, 2014).

Nessa ambiência, é possível não apenas perceber e experimentar o catolicismo, mas também expressá-lo publicamente, com grande abrangência e velocidade, de modo mais autônomo. Mediante as diversas reconexões, múltiplos interagentes encontram formas de reconstruir os sentidos católicos (o “católico”) mediante experimentação religiosa, gerando tensões e desdobramentos. Nesse contexto multiplicador, combinatório, bricolador, heterogêneo de ações e interações em rede, explicita-se aquilo que chamamos de *heresia comunicacional*, que catalisa a reconstrução do “católico” em



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

rede. Tais desdobramentos comunicacionais contemporâneos “*obrigam todos a serem ‘hereges’*”, isto é, a realizar uma ‘livre escolha’ (em grego: *hairesis*) entre as religiões e as concepções de mundo existentes em uma dada sociedade” (Martelli, 1995, p. 294, grifo nosso). Heresia, em grego, é justamente escolher (*hairein*), fazer uma escolha, ter uma opinião (*hairesis*).

Com o avanço da midiatização, não apenas do ponto de vista religioso, mas também comunicacional, “o que anteriormente era destino agora se torna um conjunto de escolhas. Ou: o destino é transformado em decisão” (Berger, 1980, p. 16, trad. nossa). Se os construtos sociais, na chamada “sociedade dos meios”, dependiam quase exclusivamente daquilo que as corporações midiáticas traziam à tona socialmente como “destino” comunicacional, o cenário contemporâneo explicita que o conjunto de escolhas midiáticas na “massa de meios” cresceu exponencialmente. O acesso facilitado a uma enorme multiplicidade de construções sociais de sentido sobre o “católico” (o *produto* produzido) e também a diversas possibilidades de construção de sentido por parte do indivíduo (o *processo* produtor) disponíveis em rede *exigem escolhas, demandam decisões, favorecendo, precisamente, heresias comunicacionais*.

Trata-se de perceber as operações dos interagentes que “trapaceiam” com os sentidos e símbolos em jogo, “insinuando sua inventividade nas brechas de uma ortodoxia cultural” (Certeau, 2012, p. 244), assumindo a sua heterodoxia comunicacional. Tais interações comunicacionais não são “nem melhores nem piores: simplesmente ‘outras’, portanto, ‘heréticas’” (Mazzi, 2010, p. 121, trad. nossa). Pensar as ações comunicacionais em rede em termos de heresia comunicacional, nesse sentido, é tentar restituir o “caos” ao suposto cosmos de uma interacionalidade “linear”, “lisa” e “uniforme”, reconhecendo o poder simbólico da divergência e da instabilidade emergentes nas interações.

A heresia comunicacional é desviar, desestabilizar, desafiar, contestar, subverter, transgredir expectativas sociocomunicacionais convencionais ou supostamente



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

“canônicas” em contextos interacionais diversos. Assumir certos gestos interacionais como heresias comunicacionais, portanto, significa reconhecer neles a sua *liberdade e criatividade de ação* em relação a qualquer suposta ortodoxia comunicacional (ações comunicacionais “permitidas” em termos de interface, protocolo ou reconexão) ou religiosa (símbolos, crenças e práticas canonicamente “aceitos”). É perceber a heresia comunicacional como realidade positiva e dinâmica para o desenvolvimento das interações, não como “ruído”, mas como “princípio criativo” e “força gerativa” (Mazzi, 2010, p. 7, trad. nossa).

Em suas diversas facetas, a heresia comunicacional permite perceber “microdiferenças [de sentido, de fluxo, de ação] onde tantos outros só veem obediências e uniformização” (Certeau, 2012, p. 18) nos processos de comunicação. Se a comunicação pode gerar “comunhão”, tão importante para o catolicismo, ela se dá como “comunhão na diferença”. Diante de um suposto “monoteísmo” de práticas religiosas ou significados católicos uniformes, explode em redes comunicacionais um “politeísmo” de práticas disseminadas” (ibid., p. 109) que modifica o “católico” como produto-construto e também como processo-produtor.

Nesse sentido, toda heresia comunicacional leva a uma “excomunhão” (do latim, *excommunicatio*) que, por sua vez, também é *excomunicação* (do inglês, *excommunication*) (Galloway et al., 2014). Trata-se da comunicação de que uma comunicação deve cessar, ou de que não deveria nem existir, ou de que outra comunicação é necessária. “Para que haja conexões, é preciso haver desconexões – excomunicação [*excommunication*]. Algo ou alguém é excluído” (Wark, 2014, p. 161, trad. nossa). Em outras palavras, “a negação é necessária ao movimento que caracteriza a (ex-)comunicação” (NASCIMENTO, 2014, p. 145).

Se para toda comunicação há uma correlativa excomunicação, a heresia comunicacional é aquilo que explicita esta última: é o discurso pela mudança, pela superação, pela radicalização ou pelo fim de outro discurso, passando a se instituir



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

como novo discurso. Mas a excomunicação também pode ocorrer mediante uma “não comunicação” discursiva: como o silêncio. “O silêncio não é apenas o resultado de uma experiência ex-comunicacional, mas a sua condição (...) ‘O silêncio forma o horizonte diante o qual todo dizer se realiza’” (NASCIMENTO, 2014, p. 107).

Em síntese, a excomunicação desencadeada pelas heresias comunicacionais se constituiria mediante quatro possibilidades:

1. um “*desvio*” comunicacional onde há padrão;
2. uma “*abertura*” comunicacional onde há fechamento;
3. um “*fechamento*” comunicacional onde há abertura; e
4. um “*reforço*” de um desvio, abertura ou fechamento já existentes.

Mediante tais ações, por um lado, o interagente “inventa” sobre as postagens alheias (sejam *posts* propriamente ditos ou comentários) algo que não estava previsto, algo que foge à “intenção” original de seus autores. Por outro lado, ele “combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado [da plataforma ou das páginas católicas] por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações” (Certeau, 2012, p. 241).

Antes da internet e das redes digitais, tais gestos comunicacionais se visibilizavam ou no espaço público tradicional (praças, ruas), ou mediante sua publicação em um grande meio de comunicação, que se apropriava de tal construção a partir de seus interesses e agendas. Com a mídiatização digital, desenvolve-se um ambiente de comunicação em que a circulação se autonomiza cada vez mais em relação a instituições reguladoras, e a construção social de sentido se torna acessível a partir de uma complexa e indeterminada combinatória de escolhas em rede. Ocorre, assim, um processo de liberação de uma grande energia comunicacional que antes ficava restrita a microinterações localizadas.

Conectado com diversos interagentes e contextos de interação, o herege comunicacional é levado a reconstruir símbolos, crenças e práticas recebidos e a



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

construir novos, dadas as possibilidades sociotecno simbólicas, transgredindo as diversas referências em circulação. Não importa que modalidades de interação ou construções simbólicas os interagentes realizam em torno do “católico”: todas elas transgridem e, portanto, modificam o universo referencial do catolicismo. “O importante não é mais o *dito* (um conteúdo) nem o *dizer* (um ato), mas a *transformação* e a invenção de dispositivos [como os conexiais], que permitem multiplicar as transformações” (Certeau, 2012, p. 223) em rede sobre o catolicismo.

Esses esgarçamentos, transbordamentos, intensivações dos sentidos em circulação vão além das expectativas de seus produtores, fazendo-os falar o que não estava previsto. A *haireisis* comunicacional, portanto, também é sempre *poiesis*, “produção criadora”, recriação, reconstrução, ressignificação, transformação em que as formas (sociais, tecnológicas, simbólicas etc.) são feitas, desfeitas e refeitas, sendo “reformadas”, dando origem a novas formas de organização (cf. Morin, 2008). A *haireisis/poiesis* comunicacional sobre o “católico” pode desenvolver a variedade e a novidade no universo de sentidos do catolicismo, como “lugar de transformações e apropriações [que] não é mais um campo de operações programadas e controladas” pelas instituições midiático-religiosas, mas no qual também “proliferam as astúcias e as combinações de poderes” (Certeau, 2012, p. 161) comunicacionais e religiosos, difusos e heterogêneos, por parte dos mais diversos interagentes.

Referências bibliográficas

BERGER, Peter L. **Heretical Imperative: Contemporary Possibilities of Religious Affirmation**. Nova York: Doubleday, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

GALLOWAY, Alexander R.; THACKER, Eugene; WARK, McKenzie. **Excommunication**: Three Inquiries in Media and Mediation. Chicago: The University of Chicago Press, 2014.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MAZZI, Enzo. **Il valore dell'eresia**. Roma: Manifestolibri, 2010.

MORIN, Edgar. **O método 1**: a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NASCIMENTO, Maurício Augusto Pimentel Liesen. **Excommunicatio**. Ensaio para uma teoria negativa da comunicação. 2014. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.